

Entrevista Pai Ninô

E: O senhor é Baiano?

Pai Ninô: Baiano nascido perto das Docas, me criei na Estrada da Liberdade. Minha mãe não esperava mais filho. O filho dela caçula quando eu vim estava com quatro anos, quando eu apareci. Todos eles foram embora, o que era caçula dela foi embora com 49 anos. E eu que apareci, vim sem ser chamado, sem ser mandado.

E: Ela não esperava mais?

Pai Ninô: Não esperava mais filho quando eu apareci, todo mundo foi embora e eu fiquei. Então eu fui ser crente, sou crente batizado. Sou Batista. Compartilhei da primeira ceia, no domingo foi o batizado na Praia de Águas de Menino. Aí vim pra casa almoçar e tudo mais, pra de noite voltar pra ceiar. Isso quando foi à noite eu fui pra ceia, compartilhei da primeira ceia. Na terça-feira era o dia daqueles que foram batizados a sessão, cada um decorava o seu verso e o hino. É “disse-lhes Jesus, em verdade, em verdade eu vos digo que aquele que não renascesse da água ou do espírito não poderão entrar no reino de Deus”. Já estava com o hino preparando, só tem que eu não terminei o verso nem comecei o hino, eu bolei(ser tomado pelo orixá) com quatorze anos. Eu que pedi o pastor pra me batizar, dirigir a festa da mocidade, escola dominical. Eu não tive tempo pra estudar, estudei até a intermediária, quando eu fiz prova para o primeiro Erasmo Braga aí saí do colégio, não fui aceito. Aí quando foi na hora do hino, já estava o hino já decorado.

E: E aí o senhor não conseguiu falar?

Pai Ninô: (canta o hino) Isso eu estava com 14 anos, aí eu caía dentro da igreja e os irmãos dizia que era epilepsia. Aí me levaram para casa e aí tia Clara quando chegou lá era o Omolú da minha avó que tinha me tomado. Aí eu tive que fazer o santo.

E: Aí o senhor bolou?

Pai Ninô: Bolei dentro da igreja. Já fui até sacristão, já fui enfermeiro, já ajudei médico a fazer operação. Já fui tudo na vida. O que falta mais? Agora não gosto de ver ninguém fazer o mau pra outro, eu li a Bíblia, entendeu? Então se disser o Nino fez mal pra terceiros. Mentira.

E: O senhor é de Ogum?

Pai Ninô: Ogum com Oxum. Minha mãe de cabeça é Oxum, meu pai é Ogum [...] Quando eu fiz o santo estava com dezoito anos já. Quando eu raspei eu estava com dezoito anos de idade, que dizer que agora eu fiz sessenta e cinco anos de raspado, vou pra 66. No dia que eu fiz santo foi no dia de Zumbi, vinte de novembro, no dia do aniversário do meu pai de santo também.

E: Qual é o ano?

Pai Ninô: 1941 que eu raspei o santo.

E: Qual era o nome do seu pai de santo?

Pai Ninô: Ojé Otávio da Iha Amarela, na Bahia, da Ilha Amarela. Então meu pai de santo era do jeje, raspou com tia Gegé em Cachoeira e a mãe pequena era a tia Maria do Santo, entendeu? Ele quando foi procurar a mãe de santo para fazer obrigação, ela já tinha morrido. Ele foi pra casa do finado Ciclone. Entrou na casa do finado Ciclone e puxaram o jêje. Estava Tia Maci, Tia Luzia, Tia Sofia de Ogum, tava tudo lá no candomblé. Você está fazendo o que aqui meu filho? Eu vim com meu filho fazer obrigação, inclusive era o primeiro filho de santo dele, que era de nanã. [...] Fez a obrigação dele, deu bori a cabeça dele, fez a obrigação, plantou os axé e depois raspou o primeiro filho de santo dele que é de Obaluayê, nanã. Ele fez santo em 1936, nesse aí já estava com setenta e um. Depois do barco de Nitinha, eu sou do axé dela. [...] Continua falando algumas histórias da infância. [...] Eu vim pra aqui trabalhar pra ganhar dinheiro, pra voltar e fazer minha casa na Bahia. Trabalho de decoração em gesso, de revestimento, lustrador. Já fiz foi coisa menina! [...] tive aquela educação rígida, até se achasse na rua tinha que prestar contas e botar lá no lugar.

E: A pessoa de Ogum é muito honesta e muito trabalhadora.

Pai Ninô: É. E ela é da estrada também. [...] Tenho algumas clientes antigas que já veio de lá, do Moquetá. Eu morei em Moquetá, já quase no centro. Eu tenho cliente ainda de lá. Aqui eu já estou entrando cinquenta e um anos. Comecei aqui era um salão, só tinha quatro quartos aí pra dentro, agora tem seis quartos. E aumentou pra lá, aumentou pra cá. Tem o lugar dos Ogans. Era muito pequeno para casa de santo, para a pessoa morar...

E: O senhor mora aqui?

Pai Ninô: Aqui e lá. Lá na frente é minha casa de moradia e aqui eu sou casado com a **Orixá Dona Luzia (rs)**.

E: O senhor é casado com ela até hoje?

Pai Ninô: Até hoje! O primeiro filho nosso, quando nós chegamos a se ajuntar ela já tinha dois filhos e eu registrei todos os dois, então teve três.

E: Ela é de Iemanjá?

Pai Ninô: Não, de Iansã. Vende um acarajé e quando chega dezembro, gamela na cabeça e acarajé pra todo mundo.[...] **continua falando do relacionamento com a esposa.** [...] O candomblé é uma religião bonita... mas é muito bonita! Você sabe que naquele tempo a força da natureza... então se a pessoa ta direitinho, catar as folhas direitinho e saber usar as folhas, vence. Mas se não souber se enrola e enrola os outros.

E: Mas tem muito conhecimento que infelizmente foi com os pais de santo, por que não passaram e não teve gente também preparada pra receber.

Pai Ninô: Mas isso é antigo [...] Língua não é força! Orixá não quer língua, quer ocan e orico! O Orixá só queria o coração e a mente positiva. Ocan, é o coração. orico, positivo. Então foi desse jeito com medo das tias ... ficava olhando aquilo nos bastidores e vendo o que a gente estava fazendo. E eu tinha um medo daqueles olhos danado. Daquele velho? Ah! mandava atori.(vara)...

E: O senhor foi feito no fundamento de Ketu?

Pai Ninô: De Ketu. Da Nitinha. Tia Maci! [...] **continua falando várias histórias da infância**

[...] Então foi daí, desses quatorze anos que eu fui levado pra tia Clara. Quando chegou na Tia Clara levou um pinto, a Tia Salú ela pediu um pinto. Aprontou, passou aquele pinto no corpo, fez lá o dela que ela sabia, então botou o [...] todo ali em cima, pra mim tirar aquela do jeito que eu recebia. Aí eu vinha caindo, vinha caindo e chegava a cair, eu perdia os sentidos. Então eles achavam que era epilepsia. Então foi assim que ela fez a obrigação com esse frango. [...] Agora aqueles ossos eles puseram num prato de Nagé, que é um prato de barro, mas uma louça boa. É que faz muita comida pra Nana. É ladrilhado, mas uma massa diferente. Um barro diferente. Então essa tia Clara não raspava. Esse Otávio que era meu pai de santo e que já foi, está em bom lugar lá, já conversou lá com Deus e descontando os pecados. (rs). Então me ensinou muita coisa, me ensinou a viver. Vieram pra matar ele, o cara, deixou o dinheiro, sessenta contos de Réis naquele tempo pra fazer o trabalho. E começou Egum trabalhar em cima dele. Era litros, litros. Eu tinha um horror verdadeiro do meu pai de santo. Então quando o cara disse “ou meu dinheiro ou ele paga com a vida”. - Não que ele deixou uma ordem aí pra eu fazer o seu trabalho! - Mentira menina, mentira. Vale muita coisa em certas horas, foi a defesa dele pra não morrer. [...] Então a tia morreu, a Tia Clara com cento e dez anos. Então quando a Tia Clara morreu, a tia ... Ô meu Deus esqueci o nome da tia! Morreu com cento e trinta e seis anos, Maria do Carmo, lamentando a morte de Clara. “Ela morreu tão nova!” (rs) Quando Clara nasceu ela tava com vinte e seis anos. E a neta dela, velha e doente, e ela magrinha assim, é que resolvia tudo. Ela com cento e três anos, a neta com noventa.[...] Aí fiz o santo! E fui trabalhar. E já trabalhava né, por que trabalhei com dez anos na porta de loja, era o chamado Tufi e Abraão que era o pai, lá na Baixa do Sapateiro [...] Então ganhava dez merreis [...] Aí fui trabalhar e comecei a ganhar dinheiro, tirei minha mãe daquele trabalho pesado, depois terminou ela morrendo (fica emocionado ao lembrar).

[...] Eu procuro dar comida a quem chega. Chegou um homem, passou por aí e bateu na porta e pediu um prato de comida. Ogum me deu pra eu dividir. Rolei muito! Agachado aqui até meia-noite, cimentando, que eu trabalho. Tudo aqui não foi de planta que tirou, foi minha cabeça com o pedreiro. Quebrei a cabeça com o pedreiro.

E: Foi feito pelo pai Otávio, mas teve outro pai de santo?

Pai Ninô: Tive sim quando vim pra aqui Tia Davina, avó de meninazinha, foi quem me deu o **Obori** pra poder abrir a casa, a Tia Davina. E confirmar o primeiro Ogum e a primeira Ekedi e fazer obrigações.

E: Nós fomos lá na casa da mãe Meninazinha e ela é um amor de pessoa!

Pai Ninô: Ela é fora de série. Fui eu que abri a casa dela lá em Marambaia.

E: Quando era casinha de taipa?

Pai Ninô: De taipa e a fonte dentro da cozinha. Foi crescendo a casa, terminou a fonte ficando dentro da cozinha. Tinha a fonte do Oxum na cozinha. Foi ali que eu abri a casa dela e agora esse ano ela faz quarenta e oito anos de santo, já está nos setenta. Ela andou pegando santo menina, onze anos de idade. Mas o pai não queria.

E: Mas o axé dela é Ketu né?

Pai Ninô: Naná(Meninazinha). Foi raspada lá com seu Procópio, mas ela já foi raspada aqui no Rio. A avó era mãe pequena da casa de Vicente Bankolê. Foi Tia Pequena. Xangô tudo quanto era mulher era dele.(rs) Então tem muito fundamento. Eles, aí foi quem me deu essa força. Era só daqui pra lá a casinha. **Ilê Nidê**, é a casa com a coroa. Quando eu fiz o alvará [...]

E: Aqui o senhor tem alguma associação que pertence a casa?

Pai Ninô: Olha eu aqui crio gente, crio filho, crio netos. Criado, não do sangue. Alguma que eu criei aí há alguns anos está com quarenta e um anos. E muitos que venho criando aí casando. Sucesso é essa! (rs) [...]